

O que portadores da Síndrome de Williams podem informar sobre a aquisição do gênero gramatical?

Maria Cláudia de Freitas*

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

3-REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.)
O DESPERTAR DE EVA:
gênero e identidade na ficção de língua portuguesa.
 2000, 192p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

Este trabalho focaliza a questão do gênero gramatical a partir de uma avaliação de habilidades lingüísticas de portadores de Síndrome de Williams (PSW). Antes, porém, de abordarmos o tema, faz-se necessário um esclarecimento sobre a validade de se buscarem estudos de anomalias lingüísticas ou cognitivas para um melhor entendimento das formas de representação e aquisição da linguagem. Se, por um lado, em situações de anomalia é possível observar dissociações cognitivas que normalmente não ocorreriam, por outro, é questionável a generalização de aspectos da cognição humana a partir de padrões cognitivos decorrentes de distúrbios, visto que a própria morfologia do cérebro pode estar alterada nestas situações. (O que é o caso da SW: apesar de não possuírem nenhum indício de lesão focal, o cérebro parece tomar proporções diferentes, com um cerebelo relativamente maior em PSW que em indivíduos normais.)

A SW, distúrbio genético raro (ocorrência de 1 caso para cada 20.000 nascimentos), é consequência de um pequeno apagamento em uma das duas cópias do cromossomo 7. PSW caracterizam-se por apresentarem uma "fisionomia de elfo": baixa estatura, cabeça pequena, testa grande, lábios grossos, discreto inchaço ao redor dos olhos; hipersensibilidade auditiva; problemas cardiovasculares; atrasos no desenvolvimento –começam a andar por volta dos 21 meses e começam a falar mais tarde que crianças "normais" (contudo, são escassos os estudos sobre aquisição da linguagem

* PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

em PSW – não é claro, por exemplo, se este atraso no desenvolvimento da fala se deve a dificuldades motoras/articulatórias, semântico/conceituais ou dificuldades estritamente lingüísticas.) –; amabilidade e sociabilidade “em excesso”; em geral, são incapazes de fazer contas simples e de levar uma vida independente; distúrbios acentuados na percepção espacial e visual, *contrastando com enorme facilidade e fluência verbal*.

Pesquisadores têm se interessado pela SW justamente devido a essa possível preservação da linguagem frente a danos em outros domínios cognitivos. Deste modo, a SW coloca em confronto duas perspectivas acerca da relação entre linguagem e cognição: modularistas, que vêem na SW uma evidência de dissociação entre linguagem e demais domínios cognitivos; e generalistas, que vêem na SW uma evidência de impossibilidade de dissociação entre domínios cognitivos, visto que para os generalistas a linguagem não estaria preservada na SW.

Quanto ao gênero gramatical, apresenta-se a seguinte questão: até que ponto a aquisição de informação relativa ao sistema de gênero gramatical é dependente de um processo geral de aprendizagem, ou é dependente de habilidades sintático/computacionais da língua? Pois, ainda que o gênero de nomes seja idiossincrático, o processo de concordância pode ser dependente de um mecanismo sintático no qual seria crucial a relação que se estabelece entre o determinante e o gênero da palavra.

Neste contexto, o sistema de gênero gramatical aparece como um dos aspectos investigados por aqueles que defendem o comprometimento de habilidades lingüísticas em PSW. Para estes, o sistema de gênero gramatical apresentaria problemas para a população com SW, demonstrando a impossibilidade de se falar em preservação da linguagem nesta população.

Em um estudo conduzido por Karmiloff-Smith et al. (1997) com portadores de SW falantes de francês, foi investigada a capacidade de realização da concordância de gênero entre artigo e nome, e artigo, nome e adjetivo (que tenha gênero marcado, como *branco/branca*) em palavras reais e em pseudopalavras. O experimento utilizou cartões com desenhos de animais e objetos reais e inventados, diferindo apenas quanto à cor, representando cada um dos itens lexicais. Foram escolhidas 8 palavras reais (4 com artigo e terminação concordando (ex., *o banco; a mesa*); 4 com discordância entre artigo e terminação, ex., *a tribo; o planeta*) e 8 pseudopalavras. Em metade das pseudopalavras havia congruência entre artigo e terminação, e na outra metade, não. Posteriormente foram introduzidas figuras com “*deux*” (numeral “*dois*”, que em francês não contém mar-

ca de gênero, como o “*três*” em português), e a única pista disponível era a terminação da palavra (*três debos*, por ex) A experimentadora escondia seu anel debaixo de uma das figuras e perguntava aonde o anel estava escondido. A resposta deveria conter o nome, artigo e adjetivo.

O desempenho do grupo SW foi comparado ao de um grupo de controle composto por crianças normais com idade cronológica equivalente à idade mental do grupo SW (entre 4 e 5 anos). Quanto às palavras reais, o número de erros foi bastante pequeno, com resultados parecidos com o do grupo de controle. Já quanto às pseudopalavras, a diferença entre os dois grupos aumentou bastante, com PSW produzindo mais erros que o grupo de controle. Quando não havia a pista de artigo, e a única pista disponível era a terminação das palavras, o desempenho do grupo SW caiu sensivelmente, ficando ao acaso, enquanto o grupo de controle obteve 80% de acertos.

A partir desses resultados, Karmiloff-Smith et al. (1997) concluem que a atribuição de gênero é um problema para a SW e que, portanto, existem dissociações intradomínio no que tange a regras morfossintáticas, não sendo possível falar em preservação de determinados aspectos lingüísticos. Karmiloff-Smith sugere, ainda, a necessidade de repensar noções de capacidades da linguagem preservadas e modulares na SW.

É importante observar que, no entendimento de Karmiloff-Smith, o sistema de gênero é aprendido por repetição. As crianças aprenderiam os pares arbitrários artigo/nome de forma mecânica, via frequência. O sistema de gênero gramatical seria um sistema complexo, baseado em pistas probabilísticas (as terminações das palavras) e não determinísticas.

Já para outros pesquisadores, defensores de uma perspectiva modularista, os resultados de Karmiloff-Smith admitem uma segunda interpretação. A hipótese de Clahsen e Almazan (1998) é de que a linguagem na SW caracteriza-se por uma preservação do sistema computacional da língua e possíveis danos no que se refere às entradas lexicais (nos termos do Programa Minimalista de Chomsky 1995, em que o sistema cognitivo da linguagem teria uma natureza dupla: sistema computacional e entradas lexicais). Clahsen e Almazan (1998) compartilham com Karmiloff-Smith a noção de que o sistema de gênero é idiossincrático e aprendido através de repetição e via frequência, e os resultados de Karmiloff-Smith seriam compatíveis com a hipótese de preservação apenas do sistema computacional da língua. Isto é, se o sistema de gênero gramatical é arbitrário e idiossincrático, logo ele não é determinado por operações computacionais (que estariam preservadas na SW), e deve, portanto, apresentar dificuldades para PSW.

Contudo, o processo de concordância gênero gramatical pode não ser arbitrário e idiossincrático, mas sim dependente de um mecanismo sintático de concordância no sintagma (e, nesse caso, poderia ser identificado por PSW, adotando-se a hipótese de que a linguagem nesta população se caracterizaria por uma preservação dos aspectos mais diretamente dependentes do sistema computacional da língua).

A partir destas considerações, e diferentemente do relatado por Karmiloff-Smith et al. (1997), e reinterpretado por Clahsen e Almazan (1998), a hipótese aqui apresentada prevê que o grupo SW não deve apresentar problemas quanto ao gênero gramatical, posto que a concordância de gênero seria realizada sintaticamente, o que permite que a criança identifique tão cedo este sistema.

O gênero do nome deve ser atribuído a partir do determinante (artigo, pronome) (Abney, 1987, apud Jakubowicz e Faussart, 1998), isto é, a pista que deve ser observada no momento da realização da concordância deve ser o determinante. Deste modo, a frequência das palavras parece ser pouco relevante, pois a atribuição de gênero é então realizada a partir de um sistema de regras morfossintáticas, em que a concordância de gênero "se espalha" do determinante para outros itens do sintagma.

A fim de verificar nossa hipótese – a concordância de gênero é realizada sintaticamente, e não deve apresentar problemas para PSW –, foi realizado um experimento com o objetivo de verificar como PSW estabelecem a concordância de gênero gramatical em pseudo-palavras, identificando qual a pista seguida pelos sujeitos: o artigo ou a terminação da palavra.

Assumindo-se que a atribuição de gênero gramatical decorre de um processo de natureza sintática em que, uma vez identificado o núcleo do sintagma determinante – det – os traços formais de gênero deste núcleo serão atribuídos aos outros elementos do sintagma, prevê-se que os sujeitos farão a concordância das pseudo-palavras tomando como pista o determinante.

O experimento foi realizado em duas etapas: na primeira etapa, foi manipulado o tipo de pista para a identificação do gênero: Pista fonológica (vogal temática-vt); sintática 1 (artigo); sintática 2 (artigo e adjetivo).

Exemplo: Pista vt: Família de Delos; Pista sintática 1: Os Dabos; Pista sintática 2: Os Dabos coloridos.

Na segunda etapa, para as condições com pista sintática (1 e 2), foi manipulada a variável compatibilidade fonológica (congruência / incongruência entre os constituintes). Exemplo: Os Dabos / As dabos.

O procedimento utilizado consistiu em contar uma estória para os sujeitos e, ao final, fazer uma pergunta que induzia a produção do nome com o adjetivo correspondente, que deveria estar flexionado.

Exemplo:

Era uma vez uma família de Delos. A família de Delos gostava muito de passear. Num dia de sol, toda a família resolveu passear na floresta. No meio do caminho, uma parte da família de Delos se perdeu, e não conseguiu voltar pra casa.

Que Delos se perderam?

Que Delos voltaram para casa?

Foram consideradas respostas corretas aquelas cuja pista seguida foi o gênero gramatical do determinante (artigo), exceto na condição vt, em que só existia a pista fonológica. Como pode ser observado na Tabela 1, a condição sem pistas sintáticas, em que não há pista do artigo, mas apenas a pista fonológica da terminação da palavra, que não é sistemática, foi a que produziu o maior número de erros, com apenas 62,5% de respostas corretas. Nas outras condições, isto é, com pista sintática, o índice de acertos foi bastante alto, 87,5%. Este resultado é compatível com a hipótese apresentada, pois na ausência do determinante a concordância de gênero não seria realizada por meio de operações computacionais (nos casos de palavras inventadas). Os resultados sugerem também que a quantidade de pistas fornecidas não afetou o desempenho, pois o número de acertos para a condição "sintática 1" foi o mesmo do da condição "sintática 2".

A análise da Tabela 2 revela que a variável compatibilidade fonológica exerceu influência nas respostas dos sujeitos, ainda que muito pequena. Assim, nas condições em que houve compatibilidade fonológica entre o nome e o artigo e entre nome, artigo e adjetivo, os sujeitos obtiveram 100% de acertos. Nas condições com incongruência entre nome e artigo, ou entre nome, artigo e adjetivo, o desempenho caiu um pouco, com 75% de acertos, o que sugere que a condição compatibilidade fonológica facilitou o desempenho dos sujeitos.

Tabela 1
Número de respostas corretas
por sujeito em função do tipo de pista (n = 2)

Sujeitos	Tipo de pista		
	VT	Sintática 1	Sintática 2
FM	2	2	2
AC	1	2	1
E	1	2	2
A	1	1	2
Total	5 (62,5%)	7 (87,5%)	7 (87,5%)

O bom desempenho dos sujeitos nesta tarefa corrobora a hipótese de que a atribuição de gênero gramatical é realizada por mecanismos altamente dependentes do sistema computacional da língua, diferentemente do que supõem Karmiloff-Smith e colegas (1997) e Clahsen e Almazan (1998). Os resultados encontrados foram opostos aos do grupo de Karmiloff-Smith, o que aponta para a necessidade de mais estudos sobre gênero gramatical em PSW.

Estes resultados fazem parte de um quadro mais amplo de investigação de habilidades lingüísticas de PSW. Na compreensão e produção de estruturas altamente dependentes do sistema computacional da língua, como orações passivas, de anáforas ligadas (pronomes reflexivos "se"), e de gênero gramatical, os sujeitos investigados tiveram um desempenho muito bom, o que indica que estas estruturas não apresentam problemas para a população SW.

Tabela 2
Número de respostas corretas na condição com pistas sintáticas
em função da compatibilidade fonológica (n = 2)

Sujeitos	Compatibilidade fonológica	
	Compatível	Incompatível
FM	2	2
AC	2	1
E	2	2
A	2	1
Total	8 (100%)	6 (75%)

Já em estruturas cujo processamento não é determinado exclusivamente por processos de natureza sintática, mas apresentam demandas a mecanismos discursivos e ao sistema de memória de trabalho, por exemplo, como a compreensão de anáforas discursivas e de orações relativas, o desempenho dos sujeitos caiu sensivelmente. Contudo, como estas estruturas aparecem na fala espontânea dos sujeitos, dificilmente o déficit pode ser atribuído ao sistema computacional da língua, e é bastante possível que o fraco desempenho seja resultado, também, demandas cognitivas impostas pelas tarefas utilizadas.

Referências bibliográficas

- BELLUGI, U. et al. Dissociation between language and cognitive functions in Williams syndrome. In: *Language development in exceptional circumstances*. In: BISHOP, D.; MOGFORD, K. (eds.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993, p. 177-189.
- CLAHSEN, H.; ALMAZAN, M. Syntax and morphology in Williams syndrome. *Cognition*, v. 68, p. 167-198, 1998.
- DE FREITAS, M. C. *Uma avaliação de habilidades lingüísticas de portadores da Síndrome de Williams*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2000.
- JAKUBOWICZ, C.; FAUSSART, C. Gender agreement in the processing of spoken french. *J. Psycholinguistic Research*, v. 27, p. 597-617, 1998.
- KARMILOFF-SMITH, A. et al. Language and Williams syndrome: How intact is "intact"? *Child Development*, v. 68, p. 246-262, 1997.